

educação

PSICO-ONCOLOGIA INTEGRA CONHECIMENTOS MULTIDISCIPLINARES E OFERECE CURSOS PARA QUEM LIDA COM O PACIENTE ONCOLÓGICO

Mente sã

O conhecimento da origem e o tratamento do câncer evoluíram lentamente desde os primeiros registros da doença, ainda na Grécia Antiga, entre os anos 130 e 200 d.C. Desse período até os dias atuais, a medicina passou a dispor de recursos que, em boa parte das vezes, permitem que o câncer seja uma doença crônica tratável e, até mesmo, curável, sobretudo se diagnosticado no início. São cada vez mais comuns casos de pessoas que convivem com algum tipo da patologia há mais de uma década. O percurso do tratamento e a possibilidade de contato com a morte geram fragilidades psicológicas no paciente, em sua família e nos profissionais que atuam no processo.

Incertezas, medos, comprometimento da estabilidade emocional (surgimento de depressão, síndrome do pânico, fobias, transtornos de ansiedade ou de adaptação à condição atual) podem levar a quadros mais graves.

Na década de 1970, já com os estudos de psiquiatria e psicologia mais avançados, surge a primeira menção de uma abordagem mais humanizada no tratamento do câncer, que viria a dar origem aos estudos da psico-oncologia.

Um grupo de psiquiatras foi convidado a integrar a equipe de oncologia do Memorial Sloan Kettering Center, hospital dedicado a pesquisas, em Nova York (EUA). Uma das psiquiatras do grupo, Jimmie Holland, relatou sua experiência pioneira na publicação *The Human Side of Cancer*, em 2001: “Quando me juntei ao *staff* do Memorial, muitos oncologistas não entendiam a necessidade de um psiquiatra, já que aqueles pacientes estavam realmente doentes. Eu passava a maior

parte do tempo falando com pacientes, familiares, enfermeiras, assistentes sociais e fazendo visitas com a equipe médica. Os pacientes foram nossos professores, explorando conosco o significado que o câncer tinha em suas vidas. Começamos a entender quais eram as questões usuais e como ajudar os pacientes a lidar com elas.”

Em 1984, Holland fundou a International Psycho-oncology Society (Ipos), serviço de atendimento, pesquisa e treinamento em psiquiatria e psicologia. O objetivo de Holland e seus companheiros era atuar em duas dimensões psicológicas presentes no diagnóstico do câncer: o impacto no funcionamento emocional do paciente, sua família e profissionais envolvidos no tratamento; e o papel das variáveis psicológicas na incidência e na sobrevivência à doença.

Cinco anos depois, em Curitiba, 150 pessoas participaram do *I Encontro Brasileiro de Psico-oncologia*. A programação abordava a multidisciplinaridade do tratamento e os aspectos psicossociais de diferentes tipos de câncer, que nortearam o desenvolvimento de cuidados específicos nos anos seguintes.

“A relação entre biológico, psicológico e social em um indivíduo, como já apontavam Freud [Sigmund, médico fundador da psicanálise] e Jung [Carl, ex-discípulo de Freud] no início do século XX com a psicossomática, é a base do trabalho multidisciplinar de saúde. A Psico-oncologia integra médicos, psicólogos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, farmacêuticos, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, assistentes sociais e até mesmo o serviço de capelania, que

trata da dimensão espiritual”, explica a psicóloga Luiza Polessa, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psico-oncologia no estado do Rio de Janeiro e coordenadora do curso de extensão de Psico-oncologia da PUC-Rio.

VERSÃO VERDE-AMARELA

A comissão organizadora do congresso percebeu que era necessário formar profissionais que pudessem propagar o conceito da psico-oncologia no Brasil e criou, em 1993, o primeiro curso de extensão, no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.

No ano seguinte, foi fundada a Sociedade Brasileira de Psico-oncologia, que formulou a definição nacional da área, compatível com as características culturais e o sistema de saúde do País. Ficou conveniado que esta área de atuação representaria a interface entre Psicologia

e Oncologia, com fundamentos baseados na Psicologia da Saúde e foco em três vertentes: assistência ao paciente oncológico, sua família e profissionais envolvidos no âmbito da prevenção, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos; pesquisa e estudo de variáveis psicossociais; e organização de serviços e formação dos profissionais.

O primeiro serviço de Psico-oncologia do Brasil foi fundado em 1997, no Hospital do Câncer de São Paulo (atual A.C. Camargo Cancer Center) e, desde 2003, a instituição oferece também residência em Psicologia (exclusiva para psicólogos), com ênfase em Psico-oncologia. O programa faz parte da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde.

“Na residência de Psicologia, nosso trabalho é interdisciplinar, envolvendo também áreas como Enfermagem, Fonoaudiologia e Nutrição. A

Quando e para quem a psico-oncologia é indicada?



PROFISSIONAIS

Podem ter apoio desde antes do diagnóstico, quando o câncer ainda é uma suspeita. Receber a notícia da doença costuma ter grande impacto. A vida cotidiana pode mudar, e projetos terem de ser adiados – tanto no caso do paciente como de quem convive com ele. Já neste início, pode haver desorganização da estrutura familiar, com questionamento de simbologias da família e lembranças de experiências anteriores de parentes com a doença. Durante o tratamento e a possível internação, é trabalhada a capacidade de enfrentamento para uma trajetória mais amena e saudável do ponto de vista psicológico. A relação médico-paciente, também um ponto de atenção, geralmente é abordada, para que haja bastante confiança. Já a fase em que a morte se aproxima é especialmente delicada. O paciente e sua família dificilmente chegam neste momento resignados. Para os que necessitam de cuidados paliativos – que podem se estender por muitos anos –, a psico-oncologia se propõe a oferecer ferramentas para melhor sobrevivência. Recidivas são outro momento delicado, pois o paciente geralmente já retomou sua vida e é surpreendido pela notícia de que o câncer voltou a se manifestar. Assim, pode haver crise e muitos questionamentos, inclusive espirituais.

Todos os envolvidos no tratamento precisam investir no autocuidado, para que tenham sua estrutura emocional fortalecida. A ideia é que os profissionais fiquem mais atentos a determinadas questões recorrentes em diagnósticos oncológicos, inerentes à condição humana, como dor, angústia, medo da morte e da solidão, despedidas e pesar. A forma de se dirigir ao paciente e à sua família, bem como saber escutar e conduzir o tratamento, são aspectos muito importantes. Há ainda os casos mais delicados, como câncer em crianças, mulheres grávidas e jovens com amputação. O profissional tende a refletir sobre situações que poderiam acontecer com ele mesmo ou sua família. Outra questão é o esgotamento pelo excesso de trabalho, que pode gerar desgaste emocional e resultar no que se chama de síndrome de burnout. Esse estado leva a consequências como despersonalização e distanciamento do sofrimento do outro, o que pode ser interpretado como uma defesa. É indicado que os profissionais façam psicoterapia regularmente.

PACIENTES

formação tem como objetivo preparar os psicólogos para dar suporte ao paciente e à rede que está à sua volta, podendo atuar como vetor de mudança. Ao mesmo tempo, eles são preparados para ter condições de enfrentamento desse processo, que pode ser muito difícil”, explica a professora e psiquiatra Maria Teresa Lourenço, especialista pela Associação Brasileira de Psiquiatria, pesquisadora da Universidade de Toronto (Canadá), diretora do Núcleo de Psico-oncologia do A.C.Camargo e coordenadora da Residência Integrada Multiprofissional da instituição.

Com duração de dois anos e carga horária semanal de 60 horas, o curso abrange capacitação prática e teórica e forma cinco profissionais por turma. A prática é vivenciada nas enfermarias, UTIs e ambulatório. O aluno sai com título de especialista. “Temos a supervisão de psicólogos experientes, com quem discutimos os casos, e um bom suporte de psiquiatras, para que possamos identificar quando uma mudança de comportamento passa a ser um transtorno mental. Além disso, o contato com profissionais



“Para mim, o curso foi um complemento de formação necessário e muito útil”

JOÃO RAPHAEL MAIA, farmacêutico, formado na especialização em Psico-oncologia da PUC-Rio



É muito comum que a família se assuste com o diagnóstico oncológico. Pode acontecer uma superproteção ao paciente, que fica sem autonomia. Essa situação deve ser cuidada, já que tende a gerar consequências para a saúde psicológica e, em segunda instância, física. Por outro lado, é recomendável que a pessoa que assume a função de cuidador não deixe de observar seu próprio bem-estar. É necessário respeitar momentos de lazer e vínculos profissionais. Em quadros clínicos mais delicados, que exigem cuidados intensos, observa-se com frequência que muitos cuidadores tendem a anular suas vidas e seus desejos pessoais. Já quando o quadro clínico revela que a vida do paciente está chegando ao fim, a psico-oncologia pode ajudar a lidar com os momentos finais, a despedida e a perda.

FAMILIARES/REDE DE APOIO



de outras áreas é intenso e nos traz insumos importantes para que possamos ver o paciente de forma integral”, relata a residente do primeiro ano Ellen dos Santos Ferreira.

Na PUC-Rio, a psico-oncologia é objeto de um curso de extensão (modalidade que não possui validade acadêmica, ou seja, não confere titulação ao formando) desde 2012. Atualmente



“Temos a supervisão de psicólogos experientes, com quem discutimos os casos, e um bom suporte de psiquiatras, para que possamos identificar quando uma mudança de comportamento passa a ser um transtorno mental”

ELLEN DOS SANTOS FERREIRA, aluna da residência em Psicologia com ênfase em Psico-oncologia do A.C.Camargo

na quinta turma e com duração de dois anos, o curso admite profissionais das diferentes áreas de saúde com graduação completa ou a dois anos de obter o diploma. Entre os aspectos abordados estão bioética, luto e cuidados paliativos. “Nosso objetivo é levar as pessoas que já atuam em hospitais, clínicas e consultórios, ou que tenham interesse em atuar na área oncológica, ao universo da psico-oncologia. Somos procurados principalmente por psicólogos, mas já tivemos alunos enfermeiros, farmacêuticos e dentistas”, conta a coordenadora Luisa Polessa.

“Fiz o curso porque já era especializado em oncologia e trabalho como farmacêutico clínico em uma equipe multiprofissional. Na faculdade de Farmácia, senti falta de matérias voltadas para a questão psicossocial, o que tende a limitar os profissionais em um discurso uniforme, sem reconhecer necessidades específicas dos pacientes oncológicos, nem compreender seus anseios e questões enfrentadas ao longo do tratamento. Para mim, o curso foi um complemento de formação necessário e muito útil”, avalia João Raphael Castello Branco Maia, que concluiu a especialização em Psico-oncologia na PUC-Rio este ano.

ENSINO A DISTÂNCIA

A Universidade Paulista de Araraquara (Uniará) promove, desde 2013, curso de pós-graduação de Psico-oncologia, na modalidade ensino a distância, com duração de um ano e meio. O programa é voltado para psicólogos, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, pedagogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais com interesse em formação clínica na área. Conta com tutores que atuam no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e na Santa Casa de Araraquara.

“O curso emprega a psicologia como aliada na melhoria do quadro do paciente com câncer. Percebemos que nem todos os cursos de graduação da área apresentam essa disciplina em suas grades, e ela é fundamental para quem atua em serviços oncológicos. Oferecemos um panorama de todo o processo de desenvolvimento da doença e as consequências do câncer nas diversas fases de vida. Também introduzimos o aluno na metodologia de trabalho de equipes multidisciplinares”, explica a coordenadora Ana Cristina Alves Lima, mestre em Psicologia pela PUC-Campinas. ■